

## **O envolvimento militar americano na Ucrânia: a expansão da NATO através da guerra por procuração**

### **SouthFront**

Embora a intervenção directa do Departamento de Estado dos EUA no aticar da conflagração de Maidan e no derrube do presidente democraticamente eleito seja largamente aceite como parte do registo histórico da agitação política e civil na Ucrânia, pouco se fala sobre a presença militar americana no país logo desde o início e em permanente progressão. As chamadas telefónicas interceptadas à antiga subsecretária de Estado para os Assuntos Europeus e Euro-Asiáticos Victoria Nuland e o reconhecimento público pelo anterior presidente dos EUA Barack Obama do investimento pelo governo americano de 5 mil milhões de dólares em fundos fundamentalmente para alterar o alinhamento político, económico e cultural no mundo foram anunciados até pelos principais meios de comunicação ocidentais habituais. Aquilo que não recebeu escrutínio extensivo pelos media foi o envolvimento de militares americanos e da CIA desde muito cedo e cada vez mais desde que o conflito civil teve início no país.

Pondo de lado a quantidade de investigações que mostraram a presença em Maidan de atiradores treinados pelo ocidente nesse fatídico 20 de Fevereiro de 2014, a visita do então director da CIA John Brennan à chefia do novo golpe apenas dois meses mais tarde em meados de Abril foi um sinal para o mundo que os serviços clandestinos de informação estiveram totalmente envolvidos no drama em curso. A ajuda americana na recolha de informação estava aparentemente disponível, mas depressa se verificou ser de pouco préstimo para o desafortunado sistema de defesa ucraniano. A declaração pelo governo de Kiev de uma Operação Antiterrorista foi um sinal claro de que os Estados Unidos estavam por detrás da tentativa de confronto militar com a crescente oposição nas regiões orientais de Donetsk e Lugansk. Qualquer pessoa que se recusasse a reconhecer a legitimidade do governo saído do golpe seria marcado como terrorista. O comando da operação foi dado ao Serviço de Segurança da Ucrânia (SBU) e não ao Ministério da Defesa. Paradoxalmente, o que se seguiu foi uma campanha sistemática para aterrorizar e subjugar as populações rebeldes de duas regiões que tinham reais preocupações e receios de que a sua cultura, os seus interesses e o seu bem-estar não seriam aceites e protegidos pelo novo governo que tomara o poder pela força e tentara mesmo assassinar o presidente deposto Yanukovich, um presidente no qual essas regiões dissidentes tinham votado em massa.



*O presidente ucraniano Petro Poroshenko ao centro, o presidente do Comité dos Serviços Armados do Senado, o senador americano John McCain, no centro esquerda, o senador americano Lindsey Graham, centro direita, e o senador americano Amy Klobuchar posam para a fotografia com fuzileiros ucranianos. (Mikhail Palinchak/Serviço de Imprensa Presidencial, Pool Photo via AP)*

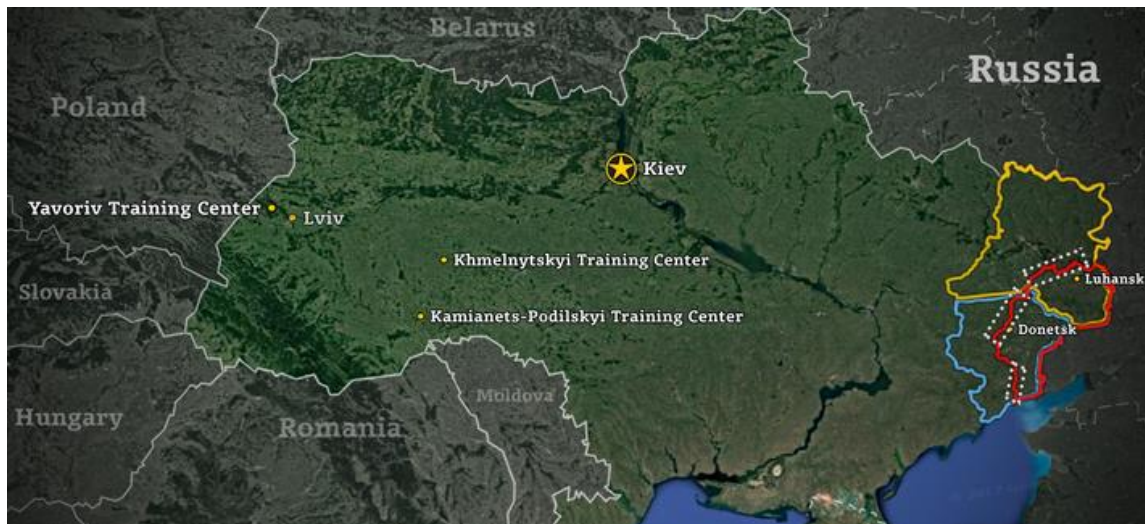
O Congresso dos Estados Unidos aprovou um pacote de ajuda à Ucrânia de mil milhões de dólares em Março de 2014, seguido de um adicional de 53 milhões em ajuda militar não-letal mais tarde no mesmo ano. A União Europeia e o Fundo Monetário Internacional já tinham dado 26 mil milhões de dólares de ajuda financeira ao governo da Ucrânia. No início de Setembro desse ano, a ofensiva militar das Forças Armadas Ucranianas (FAU) foi rotundamente derrotada, culminando na batalha de cerco de Ilovaïsk. Em Abril de 2015, o Congresso dos Estados Unidos aprovou mais uma ajuda militar de 75 milhões de dólares ao novo presidente ucraniano Petro Poroshenko ao aprovar a Iniciativa de Segurança Europeia. As Forças Armadas Ucranianas tentaram uma segunda vez resolver a questão no leste por meios militares, lançando a ofensiva do inverno de 2015 para dividir e conquistar as proclamadas República Popular de Donetsk (RPD) e República Popular de Lugansk (RPL). Esta ofensiva terminou no desastroso cerco de Debaltseve. Nesta altura, se as milícias da RPD e da RPL tivessem tido os efectivos adequados, toda a região de Donetsk e a de Lugansk podia ter ficado segura e a linha de contacto tal como hoje existe teria um aspecto muito diferente. Durante os combates desse inverno, os rebeldes destruíram ou recuperaram uma quantidade de abastecimentos americanos, radares anti-bateria, numerosos veículos ligeiros HMMWV e uma quantidade de armas ligeiras, espingardas para atiradores e munições fornecidas pelos americanos.

Após um ano de sucessivas e impressionantes derrotas no campo de batalha, os Estados Unidos decidiram adoptar e levar mais longe as desculpas da propaganda de Poroshenko pela derrota ucraniana, dizendo que forças militares regulares russas tinham intervindo no conflito,

envolvendo-se numa invasão de-facto do país. Acusação totalmente infundada: voluntários e conselheiros militares russos tinham ajudado as forças da RPD/RPL e fornecido armas e apoio de informações, mas não introduziram forças militares regulares no conflito. Os mesmos militares russos asseguraram a península estrategicamente vital da Crimeia em 2014 sem sofrerem baixas e sem encontrarem resistência das FAU. É altamente improvável e não existem provas verificáveis de que unidades regulares do exército russo tenham tomado parte na devastadora derrota infligida às FAU em Janeiro de 2015. Provas e verdade significam pouco para o “estado profundo” americano, que acendeu a histeria anti-russa em todos os canais políticos e mediáticos disponíveis. Desde Fevereiro de 2015, um mês após a batalha de Debaltseve, o Exército dos Estados Unidos começou a planear o primeiro de muitos destacamentos de soldados do exército para a Ucrânia com o objectivo declarado de treinar militares ucranianos e estabelecer um novo centro de treino militar no ocidente do país. Nos anos seguintes, o Exército dos Estados Unidos, assim como militares do Reino Unido e do Canadá enviaram soldados para a Ucrânia como treinadores e conselheiros. Foram para este fim destacadas desde há três anos rotações regulares de tropas do Exército dos Estados Unidos. Pacotes de ajuda militar adicionais têm continuado ininterruptamente durante o mesmo período. O que começou como uma operação de treino de membros da Guarda Nacional Ucraniana transformou-se num muito maior e concertado esforço de treino das Forças Armadas Ucranianas no seu conjunto para conduzirem com êxito operações ofensivas.

### **Objectivos declarados e destacamentos preliminares**

O Exército dos Estados Unidos iniciaram a sua missão de treino com um pequeno contingente de 300 soldados da 173ª Brigada Aérea com base em Vicenza na Itália. O seu destacamento para o Centro de Manutenção da Paz e Segurança na base de treino de Yavoriv no ocidente da Ucrânia, não longe de L'viv, ocorreu 3 meses após a batalha de Dbaltseve. O objectivo inicial era treinar quatro companhias da Guarda Nacional Ucraniana. Conforme citado pelo “Defense News” na altura, uma porta-voz do Departamento da Defesa chamada Ten. Cor. Vanessa Hillman afirmou que o treino se destinava “a assistir a Ucrânia no reforço das suas capacidades de policiamento, condução da defesa interna e manutenção da lei.”



*Centro de Manutenção da Paz e Segurança de Yavoriv situado no extremo ocidental da Ucrânia e as repúblicas separatistas do Donbass no extremo leste.*

A declarada intenção inicial do esforço do Exército dos Estados Unidos era treinar elementos da Guarda Nacional Ucraniana da ordem de um batalhão para aumentar as capacidades de policiamento e defesa civil. Não demorou muito até haver anúncios oficiais americanos e cobertura pelos principais média e órgãos independentes sobre soldados americanos treinando os seus equivalentes ucranianos na tática de pequenas unidades e na utilização própria de armas e equipamento de apoio ligeiros. Em breve, isto alargou-se à formação de oficiais ucranianos em eficiência de comando e técnicas e processos de controlo, assim como em guerra com armas combinadas e técnicas de combate assimétrico para opor à “guerra híbrida” russa usada no Donbass.

Como se transformou essa missão nos seguintes três anos? Actualmente, o Exército americano está a treinar unidades do Exército Ucraniano da dimensão da brigada com a ajuda de treinadores de outros países da NATO incluindo o Reino-Unido, o Canadá, a Polónia e a Lituânia. O Comando de Operações Especiais dos Estados Unidos para a Europa (SOCEUR) tem igualmente vindo a treinar activamente o Spetsnaz Ucraniano (Forças Especiais – N.T.), embora este tópico tenha recebido pouca atenção dos media. A crescente relação entre o SOCEUR americano e o Comando das Forças de Operações Especiais da Ucrânia (SOFCOM) teve igualmente as suas origens no encontro de Abril de 2016 entre os chefes respectivos desses comandos, o major general Gregory Lengyel da USAF e o major general Ihor Lunyov das FAU. Os operacionais especiais ucranianos têm sido crescentemente vistos a treinar e conduzir operações equipados com uniformes-padrão e armas ligeiras americanas.

### **Componente militar não-oficial da NATO**

A missão do Exército dos Estados Unidos para treino de unidades da Guarda Nacional da Ucrânia da dimensão do batalhão tem aumentado até se tornar uma operação de

desenvolvimento de um centro de treino dirigido pela Ucrânia. Em Yavoriv, ciclos de 55 dias de treino conduzido por unidades do Exército dos EUA são aplicados ao treino de unidades do Exército Ucrâniano da dimensão do batalhão e seu alinhamento com as normas de inter-operacionalidade da NATO. As FAU como um todo estão sendo transformadas numa força militar 100% inter-operacional com todas as outras forças da NATO, independentemente do facto de a Ucrânia não ser membro oficial da aliança. Uma entrevista conduzida como parte de um artigo publicado por *Defense One* em Outubro de 2017 com um porta-voz do Grupo Conjunto de Treino Multinacional - Ucrânia, o capitão da Guarda Nacional do Exército dos Estados Unidos Kayla Christopher torna isto muito claro:

“Cada 55 dias, temos um novo batalhão e treinamo-lo... e no fim desse período de 55 dias fazemos um exercício de campo com o batalhão. Mas, não é esse o verdadeiro estado final. No essencial, o que tentamos fazer é chegarmos ao ponto em que eles tenham o seu próprio centro de treino de combate. O nosso objectivo global é essencialmente ajudar os militares ucranianos a tornarem-se interoperacionais NATO. Por isso, é bom terem mais oportunidades para trabalhar com países diferentes e não apenas com americanos, mas com os seus vizinhos eslavos e todos os outros países da Europa ocidental.”

Será isto outro exemplo do “espírito de missão” dos militares americanos ou trata-se de uma missão intencional logo desde o início? Apesar das constantes proclamações provenientes do Departamento de Estado dos EUA e do Pentágono no sentido de que a ajuda russa às milícias do Donbass é uma violação da lei internacional e só serviu para incendiar o conflito no país, os Estados Unidos parecem não ter outra saída senão fazer o mesmo. Os EUA não fazem parte do acordo Minsk II, nem estão ligados a nenhum tratado defensivo formal com a Ucrânia e contudo desempenham uma parte crescente no conflito militar desse país. A missão transformou-se também de esforço para aumentar as capacidades de instauração da lei e da defesa civil da Guarda Nacional Ucrâniana, objectivo respeitável pouco controverso ou provocador, numa missão de treino de toda as FAU para poderem ser uma força de combate ao lado das forças da NATO. Todo o treino conduzido no Centro de Treino de Combate de Yavoriv pode ser utilizado em operações tanto defensivas como ofensivas das FAU.

O capitão Kayla Christopher tornou claro como os militares americanos vêem as repúblicas do Donbass e porquê o regime rotulou a tentativa inicial de tomada dos territórios rebeldes à força como uma operação antiterrorismo (OAT):

“São chamadas operações antiterroristas e não outra coisa qualquer por causa da questão com os separatistas apoiados pelos russos. Assim, eles não são na verdade russos, sabe. São sobretudo terroristas.”

Trata-se de uma afirmação reveladora por várias razões. Revela a origem americana da utilização inicial do termo OAT por Kiev e a influência dos Estados Unidos sobre o novo regime

logo desde início. Refuta igualmente a mantra tantas vezes repetida de que as FAU combatem pessoal militar russo directamente no Donbass. Além disso, enquanto a mensagem que sai dos canais diplomáticos oficiais dos Estados Unidos estão de acordo com as garantias do acordo de Minsk-II de que a única solução para o conflito é pacífica e política, os militares americanos juntaram todos os que se recusam a reconhecer a legitimidade do governo de Kiev com o rótulo de terroristas. Isto pode apenas tratar-se de ignorância de qualquer oficial de baixa patente, tal como outro comentário feito pelo capitão Christopher parece totalmente desligado da realidade sangrenta do conflito e de como afectou toda a Ucrânia, em especial os civis vivendo nas regiões rebeldes cujo único crime é o lugar a que chamam a sua terra e, em muitos casos, se recusando a ajoelhar diante de um senhor ilegítimo:

“É agora bastante notório como se sente pouco o conflito na parte ocidental da Ucrânia. É como se não se passasse nada... E, se não trabalhasse directamente com soldados todos os dias, penso que não o saberia realmente. Quer dizer, vemo-lo todos os dias nas notícias e trabalho com soldados diariamente. Por aí sabemos, mas sai-se para Lviv ou qualquer outra grande cidade nesta zona e não se sentem realmente os efeitos de haver guerra aqui.”

Estes comentários são ou uma tentativa de distanciar a missão do Exército dos Estados Unidos do actual combate que é travado, ou uma demonstração muito real de como os militares americanos se encontram desligados da realidade em mais um projecto falhado de “construção de países”. As brutais realidades desta guerra são muito claras para os civis que vivem no Donbass, sujeitos a indiscriminado bombardeamento da artilharia pelas FAU numa base diária. As muitas famílias de ambos os lados do conflito que perderam os entes queridos poderiam ensinar ao capitão Christopher e esclarecê-la até que ponto a guerra é real.



*Uma mulher residente passa por uma casa a arder em Mariupol, na Ucrânia, sábado 24 de Junho de 2015. Foto: Sergey Vaganov/AP*

## **Ajuda letal e presença crescente dos Estados Unidos na região em geral**

Os fabricantes americanos de armas têm fornecido as FAU com armas ligeiras especializadas e espingardas de atirador carregadas com munições standard da NATO, assim como com balas não-standard de alta potência. Sistemas e projecteis fabricados nos Estados Unidos e equivalentes às granadas russas de propulsão por rocket (RPG) também têm sido fornecidos. Mais recentemente, o presidente Trump aprovou a venda a Kiev de ATGM's Javelin. A venda inicial de 47 mil milhões de dólares consiste de 210 mísseis e 37 unidades de lançamento. Enquanto alguns analistas vêem isto mais como um gesto simbólico com a intenção de enviar uma mensagem à Rússia dizendo que a política externa americana com Trump é ainda de contenção da Rússia através da expansão da NATO mesmo nas suas fronteiras em todas as regiões, outros vêem-na como um “aclarar de águas” inicial. Vai a Rússia aceitar o negócio ou responder na mesma moeda fornecendo às RPD/RPL outro sistema de armas de alta tecnologia? Seja como for, a Ucrânia está a tornar-se de facto um campo militar da NATO, juntamente com os Estados Bálticos, a Polónia e a Roménia.



*Soldado ucraniano armado enquanto as pessoas esperam no autocarro para deixar a cidade de Debaltseve em Artemivsk, Ucrânia, 3 de Fevereiro de 2015. (Foto AP/Petr David Josek)*

As forças de operações especiais da Ucrânia foram claramente sujeitas a uma transformação desde o envolvimento militar dos Estados Unidos no país. Os operacionais especiais das FAU parecem-se mais com os dos países da NATO. Vestem agora uniformes e equipamento de combate “multicam” na versão americana do Modelo de Camuflagem Operacional (OCP) e usam cada vez mais acessórios de armas de fogo, óptica e equipamento de visão nocturna de fabrico ocidental. Mais ainda, as unidades das FAU adoptaram um conjunto de armas ligeiras e sistemas de armas para atiradores que usam munições standard da NATO, como as balas de

espingarda média 5.56x45mm e as balas 7.62x51mm. As espingardas de atirador municionadas Winchester.308 e Lapua.338 foram também adotadas em pequenas quantidades. As Forças Especiais Ucrânicas, o SBU (Serviço de Segurança – N.T.) e um conjunto de forças aerotransportadas adotaram o Tavor TAR-21 israelita, construído sob licença na Ucrânia pelo fabricante de armas de fogo Fort. As espingardas de assalto Fort têm sido fabricadas e distribuídas tanto no calibre russo 5.45x39mm, como no calibre NATO 5.56x45mm. Um contingente de paraquedistas da 25ª Brigada Aerotransportada recebeu espingardas de assalto Fort-21 durante a parada de celebração do Dia da Independência em 24 de Agosto de 2016.

Tendência mais alarmante do ponto de vista do ministro russo da Defesa é a crescente presença de soldados de operações especiais americanos nas fronteiras russas. O destacamento destes operacionais altamente treinados aumentou cerca de 300% em 11 anos apenas. De acordo com um relatório publicado no The Nation em Outubro de 2016, os destacamentos europeus de forças de operações especiais americanas representavam 3% do total em 2006, aumentando para 12% em 2017. Estes soldados de elite foram destacados para países todos eles ao longo das fronteiras russas ocidentais e meridionais, como a Letónia, a Estónia, a Lituânia, a Polónia, a Roménia, a Bulgária, a Moldávia, a Geórgia e até a Finlândia. Do mesmo modo que aumentaram os regimes de treino com as forças especiais ucranianas, aumentou a inter-operacionalidade com as forças especiais em muitos outros países europeus. Só em 2016, o Comando das Operações Especiais dos Estados Unidos (SOCOM) conduziram não menos de 37 exercícios de Treino Combinado de Intercâmbio Conjunto no continente europeu, com 18 desses exercícios em países de fronteira com a Rússia.

A mensagem endereçada ao Ministério da Defesa russo é clara. Os Estados Unidos estão a enviar soldados especialmente treinados em guerra assimétrica para as suas fronteiras e aumentaram a cooperação e influência com as forças parceiras nesses mesmos países. A maior parte desses países tinha estado muito tempo na esfera de influência russa. A operação Tridente Rápido e semelhantes exercícios de treino desenrolaram-se na Ucrânia de uma forma ou de outra desde 1995 e tiveram a participação nos recentes anos de um número crescente de países da NATO, ou alinhados com a NATO, ou não-NATO situados na periferia da Rússia. Não é difícil imaginar qual seria a resposta americana a um destacamento pela Rússia de forças Spetsnaz em crescente número em exercícios de treino no Canadá, no México, em Cuba e na República Dominicana. A hipocrisia é evidente quando vista nestes termos. O SOCOM americano destaca soldados para cerca de três quartos dos países do mundo ao longo de um ano, cada vez mais para países de fronteira com a Rússia e para o continente africano e no entanto a NATO queixa-se quando a Rússia faz exercícios militares dentro das suas fronteiras ou em conjunto com os seus aliados globais.

## **Conclusões**



Uma breve análise do envolvimento militar americano na Ucrânia mostra que ele teve início antes de Maidan, que aumentou durante a OAT inicial e que continuou a aumentar depois da derrota desastrosa das FAU nos meses do inverno de 2015 culminando na batalha de Debaltseve. O governo americano tem abastecido o estado ucraniano com ajuda tanto letal como não letal, treino e apoio militar e suporte monetário crucial. O objectivo de tornar as Forças Armadas Ucranianas uma componente de combate inter-operacional de facto da NATO tem estado em andamento há já três anos a um ritmo cada vez mais acelerado.

O Pentágono foi claramente encarregado de desequilibrar o balanço de forças militar na Ucrânia a favor do regime de Petro Poroshenko. O governo dos Estados Unidos não é signatário do acordo Minsk-II, nem têm vontade aparente de ver o conflito resolvido pelo diálogo e compromisso. Lamentavelmente, o Departamento de Estado dos EUA deixou há décadas de ser um serviço diplomático e atua apenas para reforçar ameaças e coerções provenientes da Casa Branca e do complexo militar-industrial que a dirige. Não haverá paz, nem compromisso, nem reconciliação na Ucrânia enquanto o Tio Sam mimar um oligarca corrupto tornado governante e o encorajar a esmagar os “terroristas” do leste que ele pretende representar como presidente democraticamente eleito. Infelizmente, ele não foi eleito pelo povo do Donbass, porque estas regiões não foram incluídas no processo político, nem muitos dos partidos políticos em que podiam ter votado.

Conforme testemunhado em muitos outros conflitos, desde a Geórgia à Síria, a Rússia decidiu reagir quando os EUA decidiram tomar a iniciativa da ofensiva. Haverá certamente uma altura no conflito ucraniano, à medida que os americanos continuarem a subir a parada, em que a Rússia vai ter de decidir se os seus interesses históricos na Ucrânia e na Crimeia valem um conflito mais largo, ou se vai permitir que a sua ligação de séculos a esta região, à sua terra e ao seu povo possa desaparecer. A história do sangue derramado e do heróico sacrifício por parte de soldados russos para defenderem e preservarem essa ligação ao longo de uma infinidade de conflitos desde o século XIV até hoje devia dar aos decisores políticos e militares americanos razões para reavaliarem o seu presente desempenho. Contudo, o poder imperial e a arrogância não conhecem limites.

© [SouthFront.org](http://SouthFront.org)

**Tradução: Jorge Vasconcelos**